

## A tradução como mediação intercultural: versões intersemióticas da poesia de Baudelaire

Gilles Jean Abes<sup>1</sup>

Gilles Jean Abes é professor do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Suas áreas de interesse são Teoria, Crítica e História da Tradução.

 <https://orcid.org/0000-0001-9063-1997>

Data de recebimento: 25 de abril de 2025.

Data de aceite: 02 de junho de 2025.

**Como citar este artigo:** ABES, G. J. A tradução como mediação intercultural: versões intersemióticas da poesia de Baudelaire. *Revista InterCulturas*, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. e 73865, jun. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15810302

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo propor uma reflexão sobre a tradução no que tange a seu potencial de mediadora intercultural. Tomando como objeto de análise a obra poética de Charles Baudelaire, procura-se discutir, a partir de diferentes versões nas quais sua poesia se desdobra (Benjamin, 2010) ou é *remontada* (Cardozo, 2021), seu poder de mediação entre diferentes culturas. Após um breve comentário sobre as traduções de Baudelaire em português, focarei minha análise no mangá *As flores do mal* (Oshimi, 2010) e no quadrinho *Mademoiselle Baudelaire* (Yslaire, 2021), comentando também, de modo sucinto, a obra musical *Fabulações baudelairianas: récita camerística de botequim* (Marcondes, Lumatti, Faleiros, 2024). É através dessas versões intermediárias, estimuladas pela poesia baudelairiana, que se revela uma faceta da tradução enquanto condição de uma relação (Cardozo, 2012, 2014, 2015, 2021; Berman, 1995), ou de uma mediação, entre diferentes grupos sociais de uma “mesma” comunidade. Tem-se em mente a mediação entre diversas expressões da cultura (Hall, 2016) nas artes, a exemplo da chamada cultura geek. A tradução (*lato sensu*) representaria uma passagem (Seligmann-Silva, 2018) de mão dupla entre o original e o traduzido, entre linguagens que não se restringem/delimitam tão somente às suas diferenças linguajares (verbal, não-verbal, imagética, musical etc.) para *desdobrar* a obra, mas que instituem a própria condição de uma mediação intercultural frutífera (resultando em inúmeras leituras), no seio de uma comunidade entendida como culturalmente heterogênea.

**Palavras-chave:** Tradução. Baudelaire. Relação. Mediação. Culturas.

## The translation as intercultural mediation: intersemiotic versions of Baudelaire’s poetry

**Abstract:** This article aims to propose a reflection on translation regarding its potential as an intercultural mediator. Taking as the object of analysis the poetic work of Charles Baudelaire, it seeks to discuss, based on different versions in which his poetry *unfolds* (Benjamin, 2010) or is *reassembled* (Cardozo, 2021), its power to mediate between different cultures. After a brief commentary on Baudelaire’s translations into

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: [gillesufsc@gmail.com](mailto:gillesufsc@gmail.com)

Portuguese, I will focus my analysis on the manga *As flores do mal* (Oshimi, 2010) and the comic *Mademoiselle Baudelaire* (Yslaire, 2021), also commenting briefly on the musical work *Fabulações baudelairianas: récita camerística de botequim* (Marcondes, Iumatti, Faleiros, 2024). It is through these intermedial versions, stimulated by Baudelairean poetry, that a facet of translation is revealed as a condition of a relation (Cardozo, 2012, 2014, 2015, 2021; Berman, 1995), or of a mediation, between different social groups of the “same” community. This refers to the mediation between different expressions of culture (Hall, 2016) in the arts, such as the so-called geek culture. Translation (*lato sensu*) would represent a two-way passage (Seligmann-Silva, 2018) between the original and the translated, between languages that are not restricted/limited only by their linguistic differences (verbal, non-verbal, imagery, musical, etc.) to *unfold* the work, but that establish the very condition of a fruitful intercultural mediation (resulting in countless readings), within a community understood as culturally heterogeneous.

**Keywords:** Translation. Baudelaire. Relation. Mediation. Cultures.

## La traduction comme médiation interculturelle : versions intersémiotiques de la poésie de Baudelaire

**Résumé :** Cet article propose une réflexion sur la traduction quant à son potentiel de médiateur interculturel. Prenant comme objet d'analyse l'œuvre poétique de Charles Baudelaire, on cherche à discuter, à partir de différentes versions dans lesquelles sa poésie *se déploie* (Benjamin, 2010) ou est *remontée* (Cardozo, 2021), son pouvoir de médiation entre différentes cultures. Après un bref commentaire sur les traductions de Baudelaire en portugais, je concentrerai mon analyse sur le manga *As flores do mal* (Oshimi, 2010) et la bande dessinée *Mademoiselle Baudelaire* (Yslaire, 2021), commentant également brièvement l'œuvre musicale *Fabulações baudelairianas : récita camerística de botequim* (Marcondes, Iumatti, Faleiros, 2024). C'est à travers ces versions intermédiaires, stimulées par la poésie baudelairienne, qu'une facette de la traduction se révèle comme condition d'une relation (Cardozo, 2012, 2014, 2015, 2021 ; Berman, 1995), ou d'une médiation, entre différents groupes sociaux d'une « même » communauté. Il s'agit de la médiation entre différentes expressions culturelles (Hall, 2016) dans les arts, comme la culture dite geek. La traduction (*lato sensu*) représenterait un passage à double sens (Seligmann-Silva, 2018) entre l'original et le traduit, entre des langues qui ne sont pas restreintes/limitées uniquement par leurs différences linguistiques (verbales, non verbales, imagées, musicales, etc.) pour *déployer* l'œuvre, mais qui établissent la condition même d'une médiation interculturelle fructueuse (aboutissant à d'innombrables lectures), au sein d'une communauté comprise comme culturellement hétérogène.

**Mots-clés :** Traduction. Baudelaire. Relation. Médiation. Cultures.

*Car la traduction n'est pas une simple médiation : c'est un processus où se joue tout notre rapport avec l'Autre.*

Antoine Berman, *L'épreuve de l'étranger* (1995)

*Mas não há mistério quanto a isso: a questão é que esse bicho que chamamos de tradução não se manifesta de maneira inequívoca. A tradução é muitos bichos diferentes. E há sempre algo em suas diversas formas de se manifestar — como também seria de se supor dos dragões, evocando aqui a primeira epígrafe que abre este trabalho — que encontra em nossa imaginação algum tipo de reverberação.*

Mauricio M. Cardozo (2015)

## 1 Introdução

Como a Hidra de Lerna, da mitologia grega, a tradução pode ser vista como um dragão com várias cabeças de serpente. Por mais que se tente circunscrevê-la, ela resiste a esforços hercúlanos de circunscrição: se imaginamos cortar uma cabeça, crescem duas. Em suma, sua força reside justamente em sua capacidade de resistência a definições redutoras. A analogia com o bicho, à maneira de Mauricio Cardozo, visa apontar para as potencialidades insondáveis da tradução que parecem surgir como inopinadas facetas.

Sabemos de seu papel primordial como mediadora entre culturas de diferentes povos, de sua função de passagem entre idiomas ou linguagens. Sabemos de sua importância para a formação cultural, a edificação de literaturas, a exemplo da latina que emulou a grega, das europeias que emularam a grega, a latina, a árabe, e umas às outras, ou ainda a outras literaturas, como a japonesa, por exemplo. Numa visão mais abrangente, podemos também incluir a interpretação e a localização que, por sua vez, agregam especificidades. A tradução possui inúmeras interfaces com outras áreas do conhecimento, como a História, o Direito, entre tantas que se poderia citar.

Proponho aqui uma reflexão sobre a tradução e seu potencial de mediadora intercultural, tomando como objeto de análise a obra poética de Charles Baudelaire, mais especificamente diferentes *traduções* intersemióticas<sup>2</sup> nas quais sua obra *Les Fleurs du Mal* (1857/1861) se *desdobra* (Benjamin, 2010) ou é *remontada* (Cardozo, 2021a). Após um pequeno histórico das traduções de *As flores do Mal* em português, focarei minha análise no mangá *As flores do mal* (Oshimi, 2010) e no quadrinho *Mademoiselle Baudelaire* (Yslaire, 2021), comentando, ainda que muito rapidamente, alguns desdobramentos de sua poesia nas artes visuais, assim como na obra musical *Fabulações baudelairianas: récita camerística de botequim* (Marcondes, Iumatti, Faleiros, 2024). É através dessas versões intersemióticas, estimuladas pela poesia baudelairiana, que se

---

<sup>2</sup> Por tradução ou versão intersemiótica, entenda-se, com Jakobson (2010), a interpretação de signos verbais em signos não verbais, da arte verbal para a música, a pintura, a escultura e assim por diante. O original, ou texto de partida, se desdobra em diferentes linguagens. A palavra versão é usada, neste texto, como sinônimo de tradução.

revela – assim espero – uma faceta da tradução enquanto relação e condição de uma relação intercultural.

A base teórica desta pesquisa está pautada sobretudo nos trabalhos de Mauricio Mendonça Cardozo (2012; 2014; 2021a; 2021b) e Antoine Berman (1995) em torno da tradução entendida como relação. No que tange à compreensão do conceito de cultura, tomarei como base as definições de Stuart Hall (2016). Finalmente, o conceito de *passagem* será embasado na leitura que Márcio Seligmann-Silva (2018) faz deste termo, palavra-chave na obra de Walter Benjamin. A tradução representaria uma passagem de mão dupla entre o original e o traduzido, entre linguagens que não se restringem/delimitam tão somente às suas diferenças linguajares (verbal, não-verbal, imagética, musical etc.) para *desdobrar* uma obra literária. Por *desdobrar* e *desdobramento*, refiro-me à ramificação rizomática de obras que interpretam e derivam do original e que são consideradas aqui *traduções* (em sentido amplo). Em outras palavras, por tradução intersemiótica, entende-se obras que não seriam comumente consideradas traduções (*strictu sensu*) das *Flores do Mal*, mas que, ainda assim, traduzem elementos ou são interpretações (e *transformações*) daquela poesia, formando assim – como um desdobramento – outras formas de *vida* (Cardozo, 2021b) dos poemas baudelairianos.

A minha hipótese é a de que outra manifestação da tradução surge em meio às demais cabeças da hidra, na sua capacidade de oportunizar uma mediação intercultural entre diferentes grupos sociais de uma “mesma” comunidade. Digo “mesma”, entre aspas, porque entendo uma comunidade como formada por diferentes grupos, que interagem com expressões culturais peculiares, privilegiando determinadas linguagens. A tradução institui a própria condição de uma mediação intercultural frutífera (em suas inúmeras leituras), no seio de uma comunidade entendida como culturalmente heterogênea.

## 2 Sobre a tradução como mediação e passagem

“[...] l’essence de la traduction est d’être ouverture, dialogue, métissage, décentrement. Elle est mise en rapport, ou elle n’est *rien*” (Berman, 1995, p. 16). De difícil tradução, esta afirmação de Antoine Berman poderia ser vertida da seguinte forma: “a essência da tradução é de ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentramento. Ela é um pôr em relação, ou não é *nada*.” Na versão de Maria Emília Pereira Chanut, a expressão “la mise en” desaparece, permanecendo tão somente o substantivo “relação”: “Ela é relação, ou não é nada” (Berman, 2002, p. 17). Ora, em francês, o substantivo feminino “la mise”, com a preposição “en”, usado em numerosas expressões, indica a ação de “colocar” ou “pôr”, assim como o resultado dessa ação. Em suma, o que se percebe na formulação de Berman, no que tange à noção de relação, é que ele destaca tanto sua atividade quanto o objeto resultante desta atividade. Assim, a tradução é relação no sentido em que relaciona – põe em relação – e é (uma) relação, em um só tempo.

Na esteira de Berman, vale destacar as reflexões que Mauricio M. Cardozo (UFPR) elabora, em vários trabalhos, em torno da questão da tradução entendida como “relação”.

A *tradução*, nos termos em que a discutimos até aqui, pode ser entendida como uma prática discursiva que se estabelece como construção de uma *relação* com o outro, como *poiesis relacional*, como um esforço, um *trabalho* de relação que opera sobre a rede de relações em que se inscreve e que transforma essa rede de relações nessa mesma medida. Interessa, no contexto desta reflexão, o caso paradigmático da relação que tem lugar na prática tradutória, ocasião privilegiada para a construção de uma relação com determinada obra, talvez mesmo a mais poderosa ocasião relacional que há, na medida em que se assuma que nenhum texto diz mais e mais extensivamente de outro do que uma tradução. Nesses termos, podemos assumir se há tradução, há *incondicionalmente* uma *poiesis* da relação e, portanto, transformação.

Vale lembrar, porém, que a rede de relações em que uma obra traduzida se inscreve sofre o impacto de práticas discursivas muito diversas, que também têm lugar como uma construção relacional e, assim, contribuem para a construção e transformação dos valores correntes assumidos por determinada obra. Nesse sentido, não se pode deixar de

levar em conta a *poiesis* operada pelas leituras eventuais, pela leitura especializada, pela crítica e pela história literária, pela prática de formação e pesquisa acadêmica, pelo trânsito entre diferentes formas de expressão (da literatura para o cinema, da poesia para a música, por exemplo), bem como o poder de transformação de todo o universo midiático contemporâneo que se presta à circulação de bens culturais. (Cardozo, 2012, p. 191-192)

Assim, a tradução se estabelece como *construção* de uma relação com o outro, ou seja, o que Cardozo chama de *poiesis relacional*. Importa recordar que a palavra *poiesis* originou o termo poesia, remetendo, portanto, à criação poética como um *fazer* (sentido de *poiesis* em grego). Além disso, com base no excerto acima, este *trabalho* de relação põe em relevo uma ocasião privilegiada para a construção de uma relação com determinada obra, como veremos mais adiante. Antes, é relevante destacar, ainda nas supracitadas palavras de Cardozo, que a *poiesis* é operada por leituras eventuais ou especializadas, por um trânsito entre diferentes formas de expressão: da literatura para o cinema, da poesia para a música. Por último, aponta o poder de transformação de todo o universo midiático propício à circulação de bens culturais.

É justamente esse trânsito entre diferentes formas de expressão e a circulação de bens culturais que interessam particularmente nesta reflexão que associo ao conceito de *passagem*, termo chave na obra de Walter Benjamin. O conceito, segundo Márcio Seligmann-Silva, seria um desdobramento do verbo “passar” que, nas várias acepções benjaminianas, alude às passagens (galerias) por onde os passantes caminham, mas também à passagem/tradução em diferentes línguas (Seligmann-Silva, 2018, p. 141), entre outras acepções. “A tradução como arte da passagem”<sup>3</sup>, na expressão do autor de *O local da diferença*, aponta com precisão para a reflexão aqui proposta. Arte da passagem, em sua *poiesis relacional*, não pode ser senão transformação.

Assim, indo além de um caráter meramente judicativo, a crítica de tradução literária poderia assumir sua vocação de *meio de reflexão*, no sentido benjaminiano de um *Reflexionsmedium*, em que menos

---

<sup>3</sup> Título de uma das seções da obra *O local da diferença* (2018), na qual Márcio Seligmann-Silva reúne ensaios sobre tradução.

importariam os veredictos – que, ao qualificar como positivas ou negativas as diferenças entre original e tradução, cumprem antes o fim de encerrar uma discussão –, do que discutir e rediscutir continuamente uma compreensão mais ampla do significado dessas diferenças para a recepção de determinada obra. (Cardozo, 2012, p. 196)

A presente proposta é a de justamente pensar as traduções intersemióticas das *Flores do Mal* como “meio de reflexão”, em que a “lógica judicativa” importa pouco (Cardozo, 2012, p. 193). Portanto, não se tem interesse por questões atreladas à “fidelidade” destas versões, tampouco se são “boas” ou “más”, mas considerá-las como meio de reflexão sobre sua capacidade de oportunizar uma mediação intercultural entre diferentes grupos sociais de uma mesma comunidade. Há de se destacar ainda uma poderosa ocasião relacional que pode ser discutida, temporalmente, a partir da figura da *iminência*, nos domínios de *kairós*, da ocasião, do instante, da agoridade (Cardozo, 2014, p. 242).

Tendo em vista a mediação enquanto relação, cabe insistir de que se trata de um ponto de partida em que tem início

um trabalho de reflexão sobre os sentidos (em geral) da tradução como relação, mas também sobre os significados (particulares) do modo como a relação acontece como tradução, do modo com que se estabelece uma razão relacional – uma ordem e uma dinâmica da relação – na singularidade de determinada cena de tradução (Cardozo, 2021a, p. 32).

Importa agora analisar os significados do modo como a relação acontece como tradução e mediação intercultural em versões intersemióticas da poesia baudelairiana. Para tanto, precisamos definir os sentidos do que entendemos por “cultura”.

Segundo Stuart Hall, “a linguagem é um dos ‘meios’ através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura” (2016, p. 18). E é justamente pela análise das linguagens empregadas em determinadas traduções que se pode identificar diferentes “culturas”. É de meu interesse especialmente a cultura entendida como “um

‘conjunto de práticas’ e a produção e intercâmbio de sentidos – o ‘compartilhamento de significados’ – entre os membros de um grupo ou sociedade” (Hall, 2016, p. 20).

Pretendo observar o modo como a relação/mediação acontece como tradução, focando especialmente versões intersemióticas de poemas das *flores do Mal* que *desdobram* sua poesia. O desdobramento (Benjamin, 2010) pode ser entendido como processo de transformação pela apropriação. Estas versões constituem leituras peculiares de uma obra que apontam para um conjunto de práticas de determinados grupos que falam de si e do outro. A tradução não é vista aqui como pretendendo *remontar ao original*, mas antes *remontá-lo* (Cardozo, 2021b), como uma peça de teatro, de forma mais livre, com base em uma leitura que elege determinados elementos do texto de partida em detrimento de outros.

Portanto, é pertinente para esta reflexão privilegiar uma crítica da tradução enquanto meio de reflexão, deixando de lado a lógica judicativa, ampliando, simultaneamente, a noção de tradução.

### 3 Versões da poesia de Baudelaire em português: breve comentário.

As traduções da poesia e da prosa do poeta francês Charles Baudelaire (1821-1867) são numerosas em português brasileiro. Desde a segunda metade do século XIX, sua obra circula, primeiro em língua francesa<sup>4</sup>, em jornais publicados em francês (ou bilíngues) no Brasil, como o *Courrier du Brésil*, ou ainda em jornais franceses vendidos no país, a exemplo da *Revue des Deux Mondes* ou *Le Figaro*, para citar apenas dois dentre os mais conhecidos. É a partir dos anos 1870 que encontramos as primeiras traduções de poemas na imprensa.

Se focarmos exclusivamente as traduções integrais (ou quase integrais) de *Les Fleurs du Mal*, existem várias versões de *As flores do mal* para o português. No Brasil, a obra recebeu sua primeira tradução em 1958, por Jamil Almansour Haddad, à qual se

---

<sup>4</sup> Ver, a respeito, o meu artigo “A recepção de Baudelaire no Brasil: obra e fortuna crítica”. *Remate de Males*, Campinas-SP, v.42, n.1, pp. 108-131, jan./jun. 2022.

seguiram as de Ignacio de Souza Moitta (1971) e de Ivan Junqueira (1985). A primeira edição integral portuguesa é de 1992, obra de Fernando Pinto do Amaral, à qual se segue a tradução de Maria Gabriela Llansol (2003). O Brasil, no século XXI, acolhe mais cinco traduções: por Mário Laranjeira (2011), Helena Amaral (2011, 2013), Álvaro Faleiros (2018), Júlio Castañon Guimarães (2019) e Margarida Patriota (2021). Todas essas versões apresentam diferenças mais ou menos significativas entre si, com projetos que buscam remontar aos aspectos formais dos poemas, optando por rimas completas, parciais e versos brancos. Estas traduções, que buscam maior (ou alguma) aderência ao texto de partida, divergem todas, dando destaque para uma estética mais parnasiana ou para elementos mais prosaicos da linguagem baudelaireana.

Na esteira dessas diferentes maneiras de traduzir a poesia de Baudelaire, as reescritas ou versões mais “radicais”, a exemplo das traduções de Llansol e Faleiros, ou ainda de Ana Cristina Cesar, são exemplares. Nesse sentido, os artigos de Álvaro Faleiros, “Maria Gabriela Llansol retradutora de Charles Baudelaire” (2010) e “Ana Cristina Cesar retradutora de Baudelaire” (2022), são muito pertinentes para a compreensão da tradução num sentido mais amplo. Pois interessam-me aqui justamente versões que tangenciam o original, versões, como leituras mais *livres*, que possuem pontos de contato ou elementos específicos do texto de partida, referenciando a obra mais ou menos explicitamente, ainda que sejam desdobramentos intertextuais, avivados pelos poemas, em diferentes linguagens artísticas. Um projeto tradutório paradigmático que promove esta discussão é o de Mauricio M. Cardozo em sua dupla tradução da novela *Der Schimmelreiter*<sup>5</sup>, de Theodor Storm.

Passemos às traduções intersemióticas (lato sensu), portanto, que empregam outras linguagens que *remontam* a poesia de Baudelaire, apropriando-se de determinadas características para produzir outras obras. Estas desdobram o original e surgem em toda parte, por vezes, de modo inusitado.

---

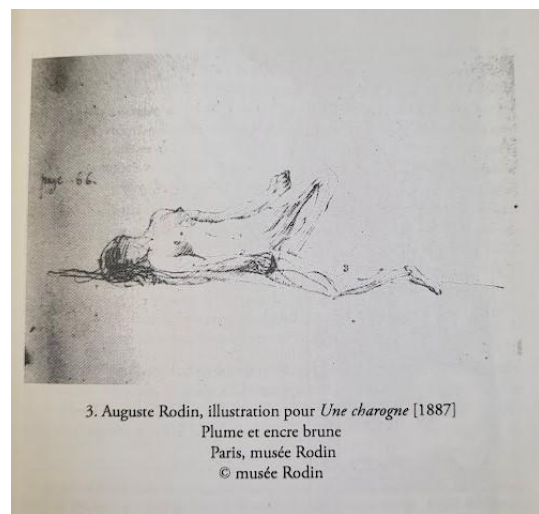
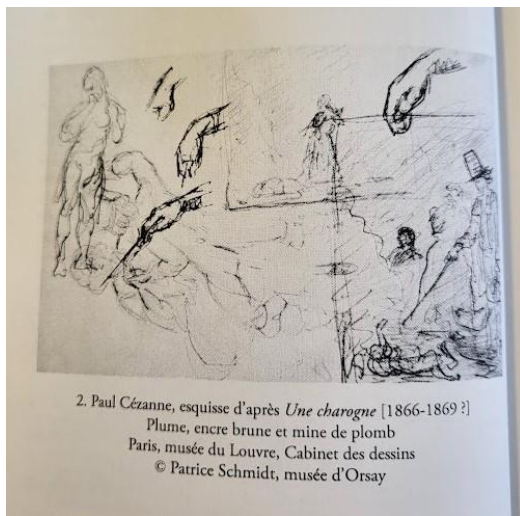
<sup>5</sup> Ver o artigo de Mauricio M. Cardozo, “So far, so close: discutindo o projeto de tradução da novela *Der Schimmelreiter*, de Theodor Storm.” **Trama**, Marechal Cândido Rondon, v. 5, n. 9, p. p. 73–84, 2000.

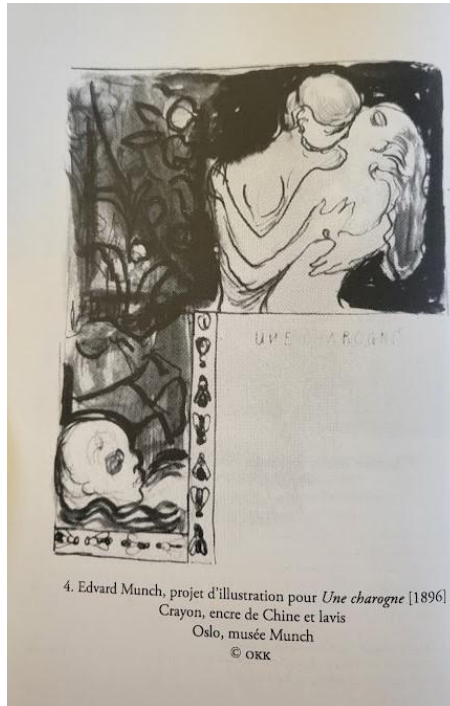
#### 4 Versões intersemióticas

O papel da tradução de *desdobrar* uma obra literária é fundamental, mais ainda se agregarmos as versões em outras linguagens e se ampliarmos o horizonte do que vem a ser traduzir e a tradução em si enquanto objeto. Sua potência, para a circulação de um texto, se manifesta de maneira mais evidente. As versões que analisamos desdobram e são desdobramentos da poesia baudelaireana, pois esta promove recriações nos mais variados estilos musicais, nos quadrinhos e mangás, assim como nas artes plásticas, como a escultura e pintura.

Tocamos aqui a potência da tradução. Alguns exemplos:

Figuras 1, 2 e 3: Estudos de Cézanne, Rodin e Munch a partir do poema “Uma carniça”, de Baudelaire.





Fonte: Guyaux (2007) Fotografia 1- *La porte de l'enfer*, Auguste Rodin.



Fonte: Acervo pessoal

Os estudos de grandes artistas como Cézanne, Rodin e Munch sobre o poema “Uma carniça”, assim como a famosa escultura de bronze de Rodin intitulada “La porte de l’enfer” [A porta do inferno] inspirada nas *Flores do Mal* (e na *Commedia* de Dante), são traduções intersemióticas da poesia baudelairiana. Elas representam formas de expressão da cultura, novas *formas de vida* dos poemas de Baudelaire ao se desdobrarem em diferentes linguagens artísticas.

É o caso da história em quadrinhos *Mademoiselle Baudelaire* (Yslaire, 2021) que interpreta a poesia baudelairiana forçando seus traços mais “crus”, transformando o erotismo sugestivo baudelairiano em algo mais explícito e, de certa forma, apagando o elemento alegórico do poema. Ainda assim, evitando a lógica judicativa, o poema não deixa de ganhar outra vida – em sua vida própria – para atingir outros grupos sociais que experenciam maneiras diversas de *ler* a obra.

Figuras 4 e 5- *Mademoiselle Baudelaire*: tradução do poema “Uma carniça”.



Fonte: Yslaire, 2021.

Se estas traduções são interpretações, como toda tradução, não deixam de atuarem de um modo mais *libertino*, ainda que as referências aos poemas sejam explícitas, o quadrinista tendo optado por transcrever excertos do poema, fazendo o personagem de Baudelaire declamar versos de “Uma carniça” para sua amada Jeanne Duval.

As ilustrações abaixo, do pintor francês Odilon Redon, são outros exemplos de leituras da poesia baudelaireana que ele mesmo batizou, no subtítulo, de “*interprétations*”.

Figuras 6 e 7- Ilustrações de Odilon Redon



Fonte: moma.org

Oshimi, o autor do mangá *As flores do mal* (abaixo), por sua vez, dialoga com os poemas de Baudelaire e com as ilustrações de Redon ao incorporar a flor desenhada pelo pintor. Sua leitura foca explicitamente a perversidade presente na obra do poeta, criando uma passagem entre estas obras para leitores de um grupo social que talvez não tivesse acessado as obras originais, estimulando um diálogo não somente entre diferentes linguagens e expressões artísticas, mas também entre grupos sociais distintos, que interagem de modo diverso com a cultura, que compartilham um conjunto de práticas.

Num sentido mais restritivo, não se consideraria este mangá propriamente uma tradução da obra de Baudelaire, da mesma forma que as de Haddad, Junqueira, Laranjeira ou ainda Guimarães, para citar apenas algumas. No entanto, em sentido amplo, o mangá *traduz* elementos presentes naquela poesia, indicando talvez interesse por certos temas por parte daquela sociedade ou grupo.

No mangá, na figura 11, o protagonista (leitor de Baudelaire) está andando de bicicleta e procura uma fuga para “o mais longe possível”, lembrando uma das questões centrais da poesia de Baudelaire: formas de fugir de um mundo opressor, em busca por paraísos, ainda que artificiais. Ecoa nos leitores, poemas como “Convite à viagem”, “A alma do vinho”, ou ainda, de maneira mais explícita, o poema em prosa “*Anywhere out of the world*” (*N’importe où hors du monde*). Na figura 12, o poeta é apresentado sucintamente, assim como Odilon Redon. O mangá é também uma homenagem ao poeta.

Figuras 8, 9, 10, 11 e 12- Mangá *As flores do mal*





## EXPLICAÇÃO DA OBRA


### ITEM I

Baudelaire foi um poeta francês do século XIX. A única poesia deixada por ele foi "As flores do mal".


A primeira vez que a li foi no ginásio. Eu não entendi quase nada, mas me sentia um adulto lendo aquela obra estranha, pecaminosa, erótica e elegante ao mesmo tempo.

O desenho da flor de globo ocular na capa é baseado no desenho de Odilon Redon que ilustra várias obras, incluindo "As flores do mal".

Ele é o meu artista favorito.



Baudelaire  
(1821-1867)



44

O último exemplo de versão intersemiótica é um caso muito peculiar de dupla tradução realizada por Álvaro Faleiros, primeiro, na obra *À flor do mal* (2018), versão bastante livre das *Fleurs du Mal*, na qual o tradutor incorpora referências ao contexto político-social brasileiro dos anos 2016 e 2017, com um estilo parodístico inspirado na poesia de Gregório de Matos. Desenhos de Fernando Vilela acompanham os poemas, agregando assim uma tradução não verbal à linguagem verbal. A guisa de exemplo, a peça “O cisne”, agora dos “quadros brasilienses”, dialogando com a tradução de Ana Cristina Cesar, transmuta a alegoria do cisne (que já representava o marginal) na figura de um mendigo nas ruas de São Paulo:

Mas basta um mendigo enlouquecido de raiva  
Decidir sair do silêncio de sua jaula  
Como um cisne negro que foge da raia  
Ou um faminto que desiste de ir a aula

Ele levanta as mãos aos céus e espera algo  
Um sanduíche de presunto uma coxinha  
Como um cisne que sonha com o lago  
Batendo as asas no pó da poça vazia

Sorte de homem sorte de cisne se alguém  
Puder olhar com compaixão e lhes der bola  
Caso contrário bem se sabe sempre tem  
Alguém disposto a dar um tiro de pistola (2018, p. 115)

A sorte do cisne, como a sorte do homem tem o mesmo desfecho: o mendigo é abatido pela polícia. Como Baudelaire, Faleiros denuncia a *putrefação* de nossas sociedades, retomando as palavras de Viviane Bosi no prefácio do livro (2018, p. 07). E sua tradução evidencia a autonomia de toda tradução, enquanto nova forma de vida.

Em 2024, em parceria com João Marcondes e Paulo Iumatti, Faleiros retraduz suas flores para a linguagem musical, promovendo uma circulação da poesia baudelaireana entre diferentes grupos sociais, da linguagem verbal à musical, da música de câmara à popular.

Figura 13 – Álbum *Fabulações Baudelairianas*



Fonte: Jornal da USP

Estas versões da poesia de Baudelaire, ainda que abordadas de modo sucinto, têm algo a dizer da maneira como grupos sociais podem vir a interagir com expressões artísticas. Têm a dizer sobre si e o outro, sobre os sujeitos que as realizaram. São diferentes linguagens, lembrando das palavras de Stuart Hall, *meios* através dos quais pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura que é plural.

### Considerações finais

Partindo do princípio de que toda tradução *transforma* o texto de partida e considerando o ato tradutório em sentido amplo, as traduções intersemióticas da poesia

de Baudelaire, anteriormente apresentadas, possibilitam uma reflexão sobre o papel da tradução enquanto mediadora intercultural.

Se aceitarmos que essas obras – estudos, ilustrações, esculturas, quadrinhos, mangás, músicas etc. – são todas formas de *traduzir*, o gesto tradutório dissemina *fermenta cognitionis*<sup>6</sup>, ou seja, fomenta leituras críticas e a criação enquanto *poiesis*. É o lugar mesmo em que se oportuniza um tipo especial de relação entre as artes. Observem as versões de Bernard Yslaire e Shuzo Oshimi. Como diria Benjamin: “Nelas, a vida do original alcança, de maneira constantemente renovada, seu mais tardio e mais vasto desdobramento” (2010, p. 209). Álvaro Faleiros desdobra a poesia baudelaireana, primeiro, de maneira mais radical, tangenciando os versos das *Flores* com a atualidade brasileira, para depois, autotraduzir-se em versões musicais para as quais a centralidade da melodia conduz, como um maestro, o agenciamento das palavras.

Fermento, desdobramento, pervivência, *formas de vida*, termos que refletem o que pode a atividade de traduzir, em diferentes linguagens e artes, com leituras/interpretações singulares do texto de partida.

Já sabemos do papel da tradução na mediação entre culturas de comunidades diferentes, talvez o mais antigo de sua longa história. Não é meu propósito retomar exaustivamente sua importância inegável na mediação intercultural, mas, a partir de sua potência e de alguns exemplos paradigmáticos, discutir a hipótese de uma mediação singular entre culturas de uma “mesma” comunidade. Pois as versões intersemióticas aqui estudadas promovem e representam uma *poiesis relacional* que pode ser entendida como mediação entre “tribos urbanas” ou entre uma “multidão de aldeias” (1998, p. 194), para usar duas expressões de Maffesoli, “aldeia” e “tribos” sendo empregadas metaforicamente, referindo-se a espaços que podem ser concretos ou simbólicos. Não há, claro, grupo fechado sobre si, com práticas exclusivas, mas penso na cultura geek (ou nerd), a título de exemplo, que pode priorizar determinados gêneros – como o mangá e

---

<sup>6</sup> Vide a tese de doutorado: *A tradução como obra: relações entre a leitura bermaniana do conceito romântico de obra de arte e sua reflexão sobre tradução* / Simone Christina Petry. – Campinas, SP: [s.n.], 2016. p. 100.

os quadrinhos – como modo privilegiado de acesso a bens culturais, formas de expressão com as quais determinados grupos se identificam especialmente, que chegam a representar um tipo de extensão identitária.

Os significados destas relações, que a tradução oportuniza, são vários. Pode-se *a priori* constatar certa prevalência da linguagem não verbal para a cultura, numa sociedade na qual a imagem é predominante. Pode-se igualmente apontar para o “consumo”, cada dia mais fragmentado (simultaneamente a outras tarefas), de vídeos curtos que desfilam sob os olhos, o que afeta cognitivamente os hábitos de leitura, de concentração e de experiência na relação com a arte. Há de se questionar sobre o papel da tradução nas mudanças de hábitos promovidos pela tecnologia, particularmente na circulação e na maneira de experienciar obras literárias.

É neste sentido que a tradução pode operar uma passagem entre distintas formas de expressões culturais, passagem pela qual o original transita, toma novos rumos artísticos, se metamorfoseia em ilustrações, pinturas, esculturas, músicas, mas também em histórias em quadrinhos e mangás (além de surgirem referências em séries, videogames etc.), todas metamorfoses do texto de partida que passa a alcançar um público mais amplo e heterogêneo em suas práticas culturais. No desdobramento e circulação das obras, o poder da tradução se manifesta na/como mediação entre esses grupos. Como prática discursiva, elabora um trabalho de relação que age sobre uma rede de relações, se inscreve e transforma essa rede na mesma medida, parafraseando as já citadas palavras de Cardozo. E como lembra Antoine Berman na epígrafe que abre a presente reflexão, a tradução não é uma simples mediação: é um processo no qual está em jogo toda nossa relação com o Outro. Em suma, como prática e como resultado desta prática, é “a mais poderosa ocasião relacional que há” (Cardozo, 2012, p. 191-192). Ocasião relacional, aliás, que pode ter um papel significativo não somente na mediação intercultural, mas também na intergeracional: entre diferentes práticas culturais; entre gerações distintas.

Se o sentido da leitura do mangá (de trás para frente), outra relação com a experiência de ler – resultado de uma mediação com outra cultura (a japonesa) –

simbolizará a passagem de mão dupla para um retorno à poesia ou à obra original, não se sabe. Não se sabe se despertará, no leitor do quadrinho de Yslaire ou no mangá de Shuzo Oshimi, a curiosidade de ler os poemas das *Flores do Mal*, caso não conheça ainda a obra de Baudelaire.

Mas graças à mediação intercultural que a tradução ocasiona entre diferentes grupos sociais, a obra se transmuta, a obra se propaga, a obra se desdobra.

## Referências

ABES, Gilles J. “A recepção de Baudelaire no Brasil: obra e fortuna crítica”. *Remate de Males*, Campinas-SP, v.42, n.1, pp. 108-131, jan./jun. 2022.

BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres complètes*. Bibliothèque de la Pléiade. – Paris: Gallimard, 2024.

BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor”. Tradução Susana Kampff Lages. In.

HEIDERMANN, Werner (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução*. Antologia bilíngue. Vol. 1: alemão-português. Florianópolis: UFSC/NUT, 2001.

BERMAN, Antoine. *L'épreuve de l'étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. – Paris: Gallimard, 1995.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin*. Tradução Maria Emília Pereira Chanut. – Bauru, SP: EDUSC, 2002.

CARDOZO, Mauricio M. “Notas sobre tradução e relação”. In. FALEIROS, Álvaro [et al.]. *Tradução em relação: espaços de transformação [livro eletrônico]* – 1. ed. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021a. p. 31-42.

CARDOZO, Mauricio M. “Traduzir, remontar: antologia e a invenção do objeto traduzido.” *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 41, nº 3 p. 33-57, set-dez, 2021b.

CARDOZO, Mauricio M. “Tradução: esse bicho, esse.” *Boletim de pesquisa NELIC*, Florianópolis, v. 15, n. 23, p. 131-144, 2015.

CARDOZO, M. Mauricio. “Tradução como prática e crítica de uma razão relacional”. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, nº especial, p. 235-250, jul./dez. 2014.

CARDOZO, M. Mauricio. “Tradução como transformação: liminaridade, incondicionalidade e a crítica da relação tradutória.” *Revista Letras*, Curitiba, n. 85, p. 181-201, jan./jun. 2012. Editora UFPR.

CARDOZO, Mauricio M. “So far, so close: discutindo o projeto de tradução da novela *Der Schimmelreiter*, de Theodor Storm.” *Trama*, Marechal Cândido Rondon, v. 5, n. 9, p. p. 73–84, 2009.

FALEIROS, Álvaro [et al.]. *Fabulações baudelairianas: récita camerística de botequim*. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/album-une-poesia-de-baudelaire-a-musicalidade-brasileira/> Acesso em: 22 abr. 2025.

FALEIROS, Álvaro. “Ana Cristina Cesar retradutora de Baudelaire.” *Remate de Males*, Campinas-SP, v.42, n.1, pp. 87-107, jan./jun. 2022.

FALEIROS, Álvaro. *À flor do mal*. São Paulo: Demônio negro, 2018.

FALEIROS, Álvaro. “Maria Gabriela Llansol retradutora de Charles Baudelaire.” *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 1, nº 25 p. 113-126, 2010.

GUYAUX, André. *Un demi-siècle de lectures des Fleurs du Mal (1855-1905)*. – Paris : PUPS, 2007.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. – 22. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2010.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Tradução Marie de Lourdes Menezes. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

OSHIMI, Shuzo. *As flores do mal*. Tradução Denis Kei Kimura. – São Paulo: NewPOP Editora, 2010.

PETRY, Simone C. *A tradução como obra: relações entre a leitura bermaniana do conceito romântico de obra de arte e sua reflexão sobre tradução*. Campinas, SP: [s.n.], Orientador: Marcos Siscar, 2016.

REDON, Odilon. *Les Fleurs du Mal: interprétations*. Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/63101> Acesso em: 22 abr. 2025.



Revista InterCulturas

Vol. 2, n. 1, 2025 – e73865

*Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional*

SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Passagem de Walter Benjamin.” In. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. – São Paulo: Editora 34, 2018.

YSLAIRE, Bernard. *Mademoiselle Baudelaire*. Collection Air libre. – Charleroi: Éditions Dupuis, 2021.